

Uma luz de passagem

Nayra Cesaro Penha Ganhito

Quais as condições de produção do encontro analítico na clínica institucional?
A partir da função do “terceiro” na elaboração da piada, este artigo sugere algumas direções para uma resposta a essa questão.

Quis a história que em nosso tempo aquele cujo sofrimento exceda suas capacidades de elaboração procure o profissional ou instituição “especializados”, e não mais o curandeiro ou o confessor, por exemplo. Instituições atualizam campos de forças sociais mais amplas, forças que hoje parecem apontar para uma profunda e veloz reordenação do mundo frente a qual somos convocados a um posicionamento. Para o psicanalista sensível a estas questões, ocupar o lugar da chamada *porta de entrada* de instituições de tratamento *psi* pode significar uma interessante *abertura para pensar as injunções do mal estar da cultura contemporânea nos processos de subjetivação*. Por outro lado, a intensidade desse “tempo de exposição” ao contínuo e complexo fluxo de chegada de pessoas e demandas pode exigir-lhe um esforço no sentido de não perder de vista as singularidades e os nomes próprios - inclusive o seu. O que se segue é o relato de um encontro singular vivido nessa instituição de assistência, ensino e pesquisa que é a Clínica Psicológica do Sedes, em meio a uma complexa reestruturação ainda em

processamento - movimento que coloca a provisoriade como elemento presente nos tratamentos.¹

Luz

Estávamos em abril e uma nova Clínica, recém esboçada, ensaiava um funcionamento.

Muito por fazer, dilemas, impasses, esperanças, num ritmo vertiginoso de questões muitas vezes processadas no imediato do próprio acontecimento. Estreávamos em novas funções, entre elas a coordenação de Equipes Clínicas, compostas de estagiários e outros agentes institucionais, ao mesmo tempo que inventávamos o estágio e o próprio fluxo do “serviço”, em instâncias e procedimentos. Os atendimentos à fila de espera se iniciam no olho desse furacão - eram 200 pacientes - , abre-se a

Nayra Cesaro Penha Ganhito é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora do curso Psicopatologia Psicanalítica na Clínica Contemporânea deste Departamento e coordenadora de Equipe Clínica da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae. A autora agradece a Maria Lúcia Calderoni, Maria Regina Hallack e Rúbia Delorenzo as contribuições para a elaboração deste artigo.

porta para pacientes pagantes em janeiro, e já em abril recebem-se outros 150 pacientes pela porta geral. A atividade clínica direta dos coordenadores se restringe, neste contexto onde as prioridades se concentram num esforço de fundação, na recepção de pacientes e na indicação e encaminhamentos para os diversos programas ou terapeutas...²

Uma ficha de inscrição, entre tantas, chamava a atenção. Este rapaz, de 31 anos, a quem chamarei de Francisco, pedia ajuda numa caligrafia títubeante, que lembrava, talvez, a de uma criança. Mora com sua mãe e o modo como escreveu, de punho próprio, no ítem apropriado, um “*nunca trabalhei*”, antes que mera franqueza, mais parecia um apelo. Além do mais, o encaminhamento viera de um lugar inusitado: alguém de uma auto-escola indicara o Sedes, e como a ficha insistisse com um - por que? - respondera, simplesmente: “*por re-provação*”. Ainda propunha-se na ficha a pagar R\$100,00 mensais pelo seu tratamento, tendo justificado paradoxalmente: “*eu não posso pagar, mas o salário de minha mãe é pouco, ela toma remédios*”. Os vários traços incomuns espalhados pela ficha pareciam, juntos, compor uma problemática delicada e complexa. Decido agilizar sua chegada e optar por uma escuta individual.³

A secretária me informa que ao ligar oferecendo o primeiro horário, esbarrou em sua mãe, que insistiu em marcá-lo ela mesma alegando que seu filho estava “impossibilitado de atender o telefone”. Esse dado indicava um ponto de atenção para a futura escuta - que lugar poderia ter essa mãe nas “impossibilidades” de Francisco? Além disso, somado à leitura da ficha, reforçava a impressão de uma situação não somente bizarra, mas também algo sombria.

Entretanto, Francisco carrega consigo os vários sobrenomes... Não deixo de notar, intrigada, o último deles - *Luz*. Ironia, possível luz no fim do túnel? Em que medida certas apostas, como a valorização de um

dado desse tipo, podem ser decisões para os resultados de um jogo?

No dia e hora combinados, na sala de espera, percebo logo o rapaz

Cada olhar
lançado aos que nos
procuram é um
espelho que produz
efeitos.

acanhado, ao lado da senhora discreta e bem arrumada. Chamo forte: F. *Luz*, acentuando na entonação o sobrenome que me chamara a atenção, o último, e pulando o sobrenome do meio. Ele se levanta, de um salto, mas como era de se esperar, sua mãe é mais rápida, já está de pé e vem na minha direção: “...preciso falar...”. Detendo-a num gesto, digo que sei e que teria seu espaço de fala, porém ao final da entrevista. Olho para Francisco, que se levanta de novo e desta vez não perde tempo, me segue pelo corredor. Sua altura e compleição forte surpreendem, pois contrastam com a estranheza e a vulnerabilidade que sua figura deixa transparecer. Vê-se logo que se equilibra numa beirada estreita: diferente num mundo de iguais, não possui um passaporte efetivo de inclusão. Pois se é verdade que somos todos singulares, como ignorar que certas singularidades podem ser fonte de intenso sofrimento?

Já na sala, cria coragem e vai direto ao assunto: “quero ajuda para encontrar emprego e um lugar para arrumar mulher”. Hesita um momento e acrescenta: “é muito triste ter 31 anos e não conseguir trabalho, é muito triste...nunca arrumei namora-

da”. Conta das tentativas e portas fechadas. Nos shoppings-centers, aborda as moças para namorar. Elas ignoram ou fogem: “não sei, elas parecem ter medo...!”. Francisco parece inconformado.

Conta que tem um irmão. Ele também é assim, seu irmão mais velho - não trabalha, não se relaciona, não namora. Mas, há diferenças, teria mais facilidade para aprender, tirou diploma de informática, enquanto Francisco nunca passou do primeiro grau. Não deixa, aqui, de dar seu testemunho frente a um mundo que se reorganiza: “*Agora eles só querem a tal de informática, não tem mais nada para mim*”. Por outro lado, mesmo com as supostas facilidades e munido da “tal informática”, seu irmão parece não se incomodar de ficar em casa e não procura trabalho. “*Ele é mais tranquilo*”, diz Francisco, “*consegue se distrair com livros, televisão. Eu não, fico impaciente, não paro de pensar em trabalhar e namorar. Acho muito triste ficar assim*”. Pensa um momento e acrescenta: “*Minha mãe diz que sou revoltado, ela não gosta, estou sempre nervoso e não ajudo, é difícil para ela*”.

Ouçou um pouco mais, então digo que parece querer mais que seu irmão. Essa intervenção produz um acontecimento difícil de descrever. Primeiro sorri, meio surpreso, e esse sorriso ilumina seu rosto, até aqui tenso e assustado; assim fazendo, também o organiza. A estranheza de sua expressão se esvai subitamente, e como que se monta de repente o rosto de um rapaz de 31 anos, vivo e curioso. A aparição deste novo rosto em momentos significativos marcou suas entrevistas, e passaram a nortear a minha leitura e intervenções. Para mim, desde o início, estiveram associados com a *Luz*, que aparecia em seu sobrenome.

Como adivinhando minhas associações, conta-me que seu pai morreu quando contava 22 anos. Sente muita falta do pai, diz ele, porque este o levava a todos os lugares de

carro, sempre, aonde quisesse. Era um homem muito bom, um professor. Pensou, na época, que a partir daí teria que cuidar da vida, tornar-se o homem da casa. Mas, ao procurar trabalho, as recusas se repetiam... Quando pensa "porque será que é assim", lembra das macumbas que via armadas na rua, perto de sua casa. Acha que eram talvez dirigidas ao seu pai. Não sabe porque, não tem certeza, mas parece que isto tem a ver com ter ficado assim. "Assim como?" "Assim, sozinho, sem namorada, sem trabalho, sem nada".

Convidada a entrar conosco, D. Clélia explica, numa queixa, que "Francisco em casa não consegue ficar parado, é tenso, revoltado", enquanto seu outro filho é "mais tranquilo". Continua, contando que ele estava muito ansioso para vir, e que não sabia nem como se vestir. Falo que para quem sai pouco de casa, a chegada aqui pode ser uma grande ocasião, que talvez não soubesse ainda como se apresentar. Francisco, então - talvez desafiando a mãe - me pergunta se não pode vir de shorts no Sedes. "Shorts curto?", pergunto surpresa. "Shorts curto", ele responde. Digo então que não é proibido, mas tenho reparado que os homens não costumam vir de shorts aqui, usam calça, às vezes uma bermuda. Ele apenas ouve, atencioso e pensativo.

D. Clélia então reclama que já que não para de falar em trabalhar, deveria aceitar qualquer coisa, um trabalho simples. Testemunho, então, esta curiosa discussão entre mãe e filho:

F. (alterado) : "Você quer que eu pegue qualquer trabalho, desses que eu me suje?"

D.C. : "Não, mas podia ser uma coisa mais simples que aparecesse, por exemplo, balcão de farmácia."

F. : "Mas aí é de pé. Eu não agüento ficar de pé!"

Ficam nisso algum tempo, num clima tenso e algo dramático. Resolvo então perguntar a Francisco porque acha que não poderia trabalhar em pé - ao que ele responde, con-

victo: "Ué, por que dá varizes". Desconcertada, balbucio sem querer: "mas você é homem..."; porém, como ele insistisse no perigo das varizes e nessa insistência se mostrasse cada vez mais angustiado, repito depois, mais segura, que pode ser que agüente ficar de pé, que, sendo homem, deve ter as pernas fortes. Nesse momento olho para Francisco e encontro o seu rosto, pois novamente está sorrindo, entre surpreso e curioso.

trava em contradição com as referências que fazia a experiências anteriores em oficinas e trabalhos abrigados. Detestara tais experiências pois, nas suas palavras, eram "para gente com problemas, retardados", como, por exemplo, montar espelhos retrovisores de carro. Aproveita para esclarecer que quer trabalho de verdade, com salário no fim do mês, que não quer aprender coisas que não levem a nada. Parece conhecer

O trabalho com pacientes graves se beneficia da combinação de dispositivos diversos e de uma pertinência institucional multifacetada.

Sorriso também e nos olhamos por um instante, antes de marcarmos o retorno.

Pensei mais tarde que "varizes" podia bem ser a queixa de uma mulher mais idosa, como sua mãe, e que tínhamos tocado um ponto identificatório importante. Entendo que Francisco sorri e ganha um rosto quando um olhar de reconhecimento pode validá-lo numa posição singular e desejante, desmontando a equivalência paranoidizante: desejo - revolta - intransigência - loucura.

Eu não sabia se poderíamos dar um lugar de tratamento para Francisco no Sedes. Por outro lado, como não validar sua demanda: amor e trabalho? Historicamente o Sedes tem pouca tradição com pacientes mais graves, por outro lado hoje há também poucas alternativas para um encaminhamento externo que se possa fazer com convicção.

Isso não escapa aos próprios pacientes. Francisco e sua mãe sustentaram nas entrevistas que ele nunca havia se tratado antes, o que en-

bem o teor e a lógica de muitos trabalhos ditos de Saúde Mental, que embora bem intencionados, são pensados em termos "ocupacionais", a partir da noção de tutela, terminando por institucionalizar a exclusão. Finalmente, as informações ambíguas sobre a história de tratamentos anteriores e portanto também de sua história clínica se esclareceram adiante, quando Francisco, já seguro de ter sido aceito, conta à sua terapeuta que usa, há muitos anos, várias medicações, e que já fez vários tratamentos. ⁴ Havia decidido esconder essa informação a conselho da mãe, que temia não fosse aceito no Sedes caso contasse. Vê-se que a mentira nem sempre é uma saída perversa frente aos limites das instituições de tratamento, podendo aparecer, como neste caso, como verdadeira estratégia desejante.

Recebo Francisco, portanto, para uma segunda entrevista, ainda sem saber se e como poderíamos responder a sua demanda. Em resposta as minhas dúvidas, pede logo de cara

se poderia estar vindo duas vezes por semana, pois tem muito a dizer. Repete suas queixas e pedidos: mulher e trabalho. Fica em seu quarto pensando sem parar, poderia acaso escrever as coisas que pensa e trazer, para não esquecer?

Conta então que é proibido pela mãe de ver os parentes paternos, principalmente sua avó. Que a mãe tem lá suas razões, foi maltratada pela família do pai. Hesita, espera minha reação, então insiste: “*Se eu fosse ver minha vó*”, diz, “*minha mãe era capaz de me expulsar de casa*”. Continuo calada. Se ajeita na cadeira, me sonda com o olhar, finalmente arrisca e me confia: “*às vezes tomo um ônibus e vou ver minha*

Penso na indicação que recebera da auto-escola e que o trouxe ao Sedes tão predisposto a uma transferência positiva. De fato tem tentado tirar sua carteira de motorista, e mesmo sistematicamente reprovado no exame escrito, insiste tentando. A linha associativa que liga a carteira de motorista e a auto-escola, o carro oferecido pelo pai, mas que perdeu, girar pela cidade longe de casa, a avó paterna, o sobrenome Luz, e agora o Sedes, deverá, ao longo de um percurso terapêutico, se desdobrar em sentidos que possam contar sua história, abrindo quem sabe novas combinações identificatórias. Por outro lado, a figura desse pai que o levava, também de carro, a “*todos os*

de convivência e pertinência. O trabalho com pacientes graves freqüentemente se beneficia da combinação de dispositivos diversos e de uma pertinência institucional multifacetada, rede de sustentação para processos de subjetivação apoiada nas transferências múltiplas e no leque de potenciais identificatórios com vários terapeutas - e, não menos importante, com outros pacientes. Por hora não contávamos com o funcionamento, na Clínica, de grupos ou oficinas que pudessem receber Francisco. Fizemos então contato com o CAPS⁵, pensando nas cooperativas de trabalho, que garantiu-lhe um lugar nas oficinas, desde que oferecêssemos a psicoterapia.

Entro no que seria minha última entrevista com Francisco, preocupada. Ainda que deixasse clara minha posição institucional desde o início, sabia que, ávido por uma vinculação, ficaria decepcionado quando seu percurso se separasse do meu. A secretária me informava a impaciência e a inquietação com que esperava ser chamado, a cada vez. Tínhamos tomado alguns cuidados para essa passagem. O caso foi passado e discutido em reunião clínica com a terapeuta estagiária que iria recebê-lo, escrevi um relatório minucioso em seu prontuário. Quanto ao ponto mais delicado, cuidar dessa passagem *para Francisco*, pensamos que algo da ordem do concreto deveria favorecê-lo. Chegamos a pensar numa passagem em ato, na presença das duas terapeutas, mas como isso se revelasse impraticável no tempo, optamos por fazer do cartão de consultas uma espécie de “objeto transicional” - algo entregue por mim, em mãos, a ser levado a sua terapeuta, também em mãos, com indicações precisas - data, hora, lugar, nomes e sobrenomes.

Porém, mal entra na sala, Francisco me estende um bilhete:

“*Nayra,*

qual a primeira palavra que se usa para conquistar uma mulher e começar um namoro?”

Para que o discurso, que brota do real, possa se organizar numa significação é necessário que encontre uma escuta, que além de validá-lo, testemunhe que ali há uma mensagem possível.

avó, escondido da minha mãe”. Me olha nos olhos, que deixam transparecer um sorriso surpreso e um pouco divertido. Atendido o pedido de cumplicidade no segredo à mãe, abre-se nesse sorriso peculiar que transforma seu semblante, e repete, entusiasmado: “*Pô, meu, é a única avó que eu tenho, ela já tem 92 anos. Ela cuidou de mim quando eu era pequeno e minha mãe trabalhava. Pego o ônibus e vou escondido.*”

Passa a falar, orgulhoso, que sabe girar pela cidade, indo às vezes bem longe de casa: “*De ônibus e de bicicleta, vou bem longe e não me perco*”.

Conta então que ao fazer 18 anos, seu pai lhe perguntou: quer um carro ou uma bicicleta? Foi daí que fez a “*besteira*”, como diz: escolheu a bicicleta,... ficou sem o carro.

lugares” embora positivada na sua fala, permanece enigmática.

No período entre as três entrevistas realizadas foram feitos os contatos institucionais que terminaram possibilitando sua inclusão no Sedes. Pequena “rede”, feita de grandes investimentos. Sabíamos que, para qualquer terapeuta, as condições de escuta para um paciente desse tipo demandariam um suporte institucional que não estava por nada montado. Tínhamos nas equipes uma garantia mínima de referência, através das discussões clínicas regulares. Além disso, algumas parcerias poderiam se montar, caso fosse interessante ou necessária a inclusão de mais terapeutas junto a Francisco ou sua família. Mas, desde o início, consideramos fundamental que para além do acompanhamento psicoterápico ele pudesse experimentar outros espaços

Você pode me arrumar um trabalho, mas que seja sentado e não de pé? Eu estou parado no tempo, tudo o que eu faço não dá certo. Me ajude por favor”.

Delicado trabalho, remeter suas perguntas e apelos para quem, a partir dali, poderia recebê-los e processá-los no tempo.... São momentos em que a transparência quanto a nossa implicação tanto com o paciente quanto com o que ele irá encontrar pela frente enquanto percurso institucional pode funcionar como uma espécie de “passaporte”, assegurando certa continuidade ao processo sem a qual não seria possível prosseguir. Feito o encaminhamento, entregue o cartão, percebo que não tira os olhos do seu bilhete, que mantenho junto a mim, sobre a mesa, na intenção de anexá-lo a seu prontuário. Pergunto, então, o porquê disso. Pede-me então:

“ Posso pegar o bilhete de volta?”

“É...mas porque, você quer guardá-lo?”

“Não, é que eu vou entregar para Marisa, assim eu não esqueço o que preciso contar para ela”... Francisco havia encontrado em si uma mobilidade para transitar pela instituição com certas garantias, ao mesmo tempo que inventa, ele mesmo, seu próprio “objeto transicional”.

Terminada a sessão, voltamos pelo longo corredor até a sala de espera. Hora da despedida, estamos ambos um pouco sem graça. Resolvo estender a mão e desejar-lhe boa sorte na sua nova experiência. Num gesto imprevisto, me toma a mão, me puxa e me dá um rápido beijo no rosto. Sem ter o que dizer, apelo para o que se constituiu como nosso modo singular de significar momentos importantes. Meu sorriso mostra - o que mais poderia ser ? - um beijo roubado...

Não colocar sob recusa, nem a intensidade do encontro, nem a malícia de seu gesto... Reconhecer a complexidade dos afetos... Cada olhar lançado aos que nos procuram é um

espelho que produz efeitos... A instituição é esse jogo de espelhos que pode devolver olhares muito diferentes, segundo a ética que decidimos adotar: a posituação de singularidades não se confunde com a piedade, essa forma velada de exclusão....

Meses depois, esquecida do assunto, ouço uma voz forte chamar meu nome quando passava pela sala de espera. É Francisco, mas antes que eu perguntasse, solícita e animada, como estava ele, me pede impacien-

A posituação
de singularidades
não pode ser
confundida com a
piedade, essa
forma velada de
exclusão.

te que eu avise sua terapeuta que já está ali, e que está esperando. Como a sua é uma boa resposta, só me toca escutar...

Uma escuta-olhar

*“Entender é a prova do erro.
Entendê-lo não é o modo de vê-lo.”*

Clarice Lispector

Marie-Christine Laznik-Penot chamou significativamente “O espanto do Outro materno” um breve e emocionado artigo escrito a partir do seu trabalho com uma menina autista, desenvolvendo a idéia de *uma escuta que olha....* e que se deixa surpreender pelo que *vê*, para pensar as condições para que um sujeito advenha ao campo do Outro - o que coloca imediatamente a fun-

ção do analista diante de casos onde isto falhou. Note-se que esta menina, “boneca de pano” cujo corpo sem contornos precisos deixava escapar os sapatos dos pés e a saliva da boca, ao entoar como ladainhas certos trechos de Rabelais, substituía o grito do bebê Pantagruel “a beber, a beber”, por “a ver, a ver”.⁶

Perguntando-se o que, para o *infans*, permite que o discurso, que brota do real, possa se enganchar em algo de uma cadeia significativa para organizar-se numa significação, assinala que este precisa encontrar uma escuta que, além de validá-lo, em primeiro lugar *testemunhe* que ali há uma mensagem para ele.

A atitude na qual alguém, escutando os gritos e sons do bebê deixa-se intrigar passando a indagar-se por seu possível significado é análoga, diz Laznik, àquela que Freud designa como sendo a da *dritten Personen* - a “terceira pessoa”, que completa o processo do chiste com seu riso, pois, ao escutar “... uma coisa ininteligível, incompreensível, enigmática, em vez de rejeitá-la como fora de código, deixa-se após um momento de sideração levar pela luz que nele reconhece um chiste”.⁷

Sideração e luz, assinala a autora, foram justamente os termos propostos por Heymans, de onde Freud colheu o famoso exemplo do “familiário” - na tradução inglesa *desconcerto - esclarecimento*, simplesmente, de cuja alternância derivaria o efeito cômico dos chistes.⁸ Deixar-se siderar: do alemão *Verbluffung* - espantar, assombrar, maravilhar, implicando acolher e ratificar esse tipo de enunciado, mesmo que sua significação fique temporariamente em suspenso. A *dritten-Person* completa o processo do chiste, ouvindo e deixando-se, após um momento de confusão, de desentendimento, de sideração, tocar pelo sentido imprevisto descoberto no chiste, movimento significado com a luz de seu riso - riso que evidencia a origem *pulsional* do prazer experimentado.

O chiste é considerado por Freud um *trabalho* psíquico tanto quanto o sonho, o luto e o próprio sintoma, processo dispendioso que demanda o reconhecimento de um *outro* sem o qual o trabalho de elaboração não se completa. Pessoa “terceira” que não se confunde com o objeto (segunda pessoa) do cômico, que Freud diferencia do processo do chiste principalmente pela posição de quem o enuncia: “um chiste se faz, o cômico se constata (...) é algo que nós produzimos, que se liga a nossa atitude (...) e diante de que mantemos sempre uma relação de sujeito, nunca de objeto, nem mesmo objeto voluntário.”⁹

Se Freud insiste nessa qualidade do chiste como processo subjetivo e subjetivante, seguirá sublinhando, entretanto, o lugar desse *outro* no processo, lugar relacionado a uma *função de julgamento* que não se confunde porém com o da autoridade: “O chiste, no estágio inicial, enquanto *jogo* com palavras e pensamentos, prescinde de uma pessoa como objeto. Mas (...), requer uma outra pessoa a quem se possa comunicar o resultado(...). É como se (...) a outra pessoa transmitisse a *avaliação da tarefa de elaboração* do chiste - como se o eu não se sentisse, nesse ponto, seguro de seu *juízo*”. Expressando “algo cômico de um ponto de vista inteiramente subjetivo”, o chiste demanda uma disposição especial daquele que escuta, sendo confrontado por determinantes subjetivos também no caso da terceira pessoa.¹⁰

O chiste se elabora como tentativa de levantamento de uma inibição que se dá num registro especial, distante da atividade intelectual, cuja ativação viria justamente sustar todo o movimento. Freud pensa o estatuto dessa avaliação ou julgamento exercido pela terceira pessoa, valorizando, com Fischer, o aspecto lúdico e estético do processo em seu conjunto. “Seria possível que da liberdade estética brotasse uma espécie de juízo liberado de suas usuais regras

e regulações, ao qual, devido à sua origem, eu chamarei “*juízo lúdico*”. O chiste expressaria então um juízo relacionado a *atitude estética*, para Freud caracterizada “pela condição de que nada solicitamos ao objeto; em especial, não lhe pedimos nenhuma satisfação de nossas necessidades sérias, contentando-nos, antes, com o prazer de contemplá-las. A atitude estética é lúdica, em contraste com o trabalho”.¹¹

Isso indica que o processo se dá no registro de uma espécie de “cumplicidade” lúdica entre aquele que formula o chiste e o “terceiro”

primeira, rejeitá-lo com o “isso não tem sentido”, julgamento a partir de um lugar de autoridade que operaria a expulsão de toda significação possível - condenando neste caso o enunciado a insistir “girando indefinidamente no real”. A outra possibilidade, a da *dritten Personen*, oferece uma escuta que supõe que o enunciado proferido é ao menos uma formação do inconsciente, até mesmo um chiste, o que teria ademais o efeito de testemunhar uma momentânea desorientação interior no Outro - a marca, portanto, de uma falta, de uma incompletude. Sendo o Grande

O processo de elaboração dos chistes se dá no registro de uma espécie de cumplicidade lúdica entre aquele que formula o chiste e o terceiro que se deixa tocar pelo sentido descoberto.

que se deixa tocar pelo sentido descoberto - denotando com seu riso uma *atribuição de valor* a produção chistosa - o que possibilita a descarga da tensão levantada pelo trabalho de construção do chiste e a liberação de prazer na primeira pessoa. A condição para isso seria que ambas as pessoas envolvidas no processo estivessem sujeitas ao mesmo tipo de inibição e, ao mesmo tempo, que se encontrassem numa disposição para ultrapassá-la ludicamente.¹² Na clínica, isto implica uma mobilidade (identificatória) do analista em direção ao paciente de modo que o registro estético do que o paciente produz possa ser posto em evidência pelo analista, possibilitando que esta produção possa ser valorizada e fruída de modo lúdico.

Assim, frente a um enunciado incompreensível, truncado ou deformado, temos duas alternativas. Na

Outro não somente o lugar do código, mas também o sujeito que o encarna, ele pode ser ultrapassado nestes dois sentidos: o enunciado ultrapassa o código e também o sujeito que o porta. Ao rejeitar um enunciado em seu julgamento, é o sujeito que encarna a função que permanece intocado, não barrado em sua onipotência.¹³

Francisco ultrapassa o código de várias maneiras - desde a enunciação inabitual, “concretizada” de certos pedidos - “trabalhar sentado para não ter varizes”, “qual a primeira palavra para conquistar uma mulher” - até na apropriação do seu próprio bilhete e no encontro na sala de espera, num tempo posterior. Ultrapassa o código também experimentando transgredir, ainda que “suavemente”, os papéis pré-fixados, com seu beijo roubado. Deixar-se ultrapassar, aí, foi após um momento (fundamental) de

desconcerto, tentar significar com o olhar a intensidade do encontro nos seus vários registros, na sua ambigüidade: a afetuosidade “inocente”, na linha da ternura e a malícia (incestuosa), marcando, portanto, o interdito - para ambos. Incestuosa, porque se dá na transferência, mas porisso mesmo não só, indicando também um movimento para o mundo fora da mãe análogo à cumplicidade que procurou para um segredo, as visitas secretas a avó paterna.

Para Laznik esta posição implica num desdobramento da função materna: ser a mãe que pela tradução contínua dos sons do bebê oferece os significantes que transformarão o grito em demanda, alienando-a no mesmo instante - mas saber, antes mesmo que a criança saiba, que pode também ser ultrapassada por ela. Este Outro no qual ela se desdobra em relação a seu próprio lugar de mãe, diz a autora, “um dia se chamará pai”, tendo essa posição de “desdobramento” uma função determinante na passagem da criança de um momento “lógico” para outro, com a saída da alienação do espelho.

Note-se que é a partir das proposições de J. Bergés acerca da motricidade que a autora pensa esta função materna “dupla, violenta e contraditória” - estamos portanto no plano do corpo e de seu funcionamento: por um lado, o *apoio da função*; por outro, *se deixar ultrapassar pelo funcionamento da função na criança*.

Ao “funcionamento da função” na criança atribui o valor de pequeno *a* - valor *pulsional*: o mesmo pulsional experimentado pela *dritten Personen* de Freud, que no processo do chiste valorizou o “segundo tempo”, isto é, a luz - prazer pulsional experimentado por este “terceiro”, significado por um sorriso e pela necessidade na qual se acha na posição de comunicar a outros o que entendeu. Movimento equivalente ao que nos leva, como analistas, a comunicar a outros o que ouvimos e entendemos - o que não deixa de

inscrever algo para o paciente, embora somente no *a posteriori* (como no caso da criança) ele poderá vir a identificar-se com este prazer no contato com suas próprias produções.¹⁴

Quanto à questão da efetividade dos encaminhamentos - da indicação de um terceiro que se aponta como válido - ela encontra correspondências tanto na posição da mãe que olha e “faz sinal” para um terceiro, indicando-o à criança, como na *dritten Person* que comunica e transmite, a partir de um implicação que em nada é “neutra”, a um outro, aquilo que ouviu.

to senão através do olhar de outros, outros que buscará vida afora.

Há, ademais, aquelas situações em que a luz dessa “aura” constitutiva se produziu de modo precário, vacilante. Para Francisco as intervenções do tipo “você quer mais que seu irmão”, ou “você tem as pernas fortes” e aquelas transmitidas por certos olhares e sorrisos significativos possibilitaram encontrar-se com uma imagem de si inusitada, num lugar em que nunca foi visto - o do querer e o de poder vir a sustentar esse querer - produzindo-se a auréola que ele manifesta pelo sorriso e que transforma seu semblante.

O paradoxo da transferência reside no fato de que o analista, ao manter a questão do endereço suspensa, é simultaneamente o transitário e o destinatário da fala do analisando.

Numa passagem de difícil articulação, Laznik encontra na *dritten Person* as características de “uma escuta que olha” análoga ao olhar fundador do Grande Outro, “capaz de reconhecer o sujeito aureolado de pequenos *a*, que o próprio sujeito jamais poderá ver, na medida que se trata justamente da parte não especularizável de sua imagem do corpo”, operação que produz o efeito de representar o *infans* como desejável, falicizado, investido libidinalmente.¹⁵ Mas, sendo o investimento pulsional por parte desse Outro o que vem produzir, no *infans*, o brilho dessa auréola - efeito narcizante e constitutivo - este efeito permanece invisível para o sujei-

Corpo - rosto

O rosto é o que não pode ser dito? Miriam Chnaiderman ao comentar o filme *Central do Brasil* propõe que a aparição dos rostos e garatujas nas cenas iniciais se dão como tentativa de abertura de possíveis “brechas” na massificação e na multiplicação dos “não lugares” (estação, trens e pessoas em movimento contínuo, sem parada), produzidas no mundo pós moderno. “O rosto é significação - um sentido por si mesmo, o impensável”, e com ele é preciso manter uma relação ética.¹⁶

Antes mesmo de mostrar seu rosto, Francisco se apresenta através

de suas garatujas, na ficha de inscrição e, depois, com seus bilhetes, que se multiplicam - logo ele, sempre reprovado no exame escrito. Ensaio de fala, de produção de sentidos, que entretanto se põe em movimento em busca de um tipo especial de destinatário: "posso escrever, e trazer, para não esquecer?" Como afirma a autora acerca da escrita como núcleo do filme, "gesto de vida que permite sobreviver" - desde que sig-

O rosto é
significação - um
sentido por si
mesmo, o
impensável - e com
ele é preciso manter
uma relação ética.

nificado por um outro que possa aceitar e ratificar, aí, uma mensagem, válida ainda que truncada - o que abrirá possibilidades de significação-ressignificação.

Sendo o ego "antes de tudo um ego corporal" (Freud), o que dizer do rosto, esta parte peculiar do corpo próprio? Pergunta que não se refere, evidentemente, ao rosto enquanto "fisionomia" - linhas de conformação genética e biológica - mas sim *àquilo que o anima*, indicando um funcionamento. Nesse ego corporal, resultado de um investimento pulsional fundante e modificado pelos encontros da vida, poderíamos pensar que o rosto e o olhar expressariam a pergunta do sujeito acerca dessa "parte não especulável do corpo próprio", a que se refere

Laznik, e que o sujeito só vê através do olhar de um outro¹⁷

Rostos e garatujas vêm ao nosso encontro, com queixas e pedidos que poderão se abrir em perguntas de valor subjetivante - desde que possamos escutá-los numa qualidade especial de presença, ocupando o lugar de destinatário ainda que por um momento, ainda quando nossa posição seja endereçar a mensagem a um terceiro. Brechas se abrem a partir de certos encontros, fazendo passagens. Nesse sentido vale a metáfora que tantos analistas encontraram no filme de Walter Salles - o lugar da "escrevedora" de cartas, que escuta e olha oferecendo sua escrita para que a mensagem possa prosseguir até o "verdadeiro" destinatário é metáfora da ambigüidade que funda a transferência: o destinatário está no analista e ao mesmo tempo numa outra cena, mas é preciso ocupar esse lugar para que algo possa prosseguir se transferindo. Para Pontalis nisso reside o paradoxo da transferência, já que o analista, ao manter a questão do endereço como que suspensão, é simultaneamente o *transitário* e o *destinatário* da fala do analisando.

Sustentar esta ambigüidade quanto ao destino da mensagem implica uma atividade encarnada - é preciso pôr o corpo nessa escuta-olhar. Como afirma M. Angela Santa Cruz, "tal como a escrevedora de cartas, os terapeutas recebem pessoas cujo canal de ligação, de fala, de expressão e de comunicação estão interrompidos, obliterados por diversas ordens de impossibilidades: psíquicas, existenciais, sociais, econômicas, políticas. Tal como ela, nos vemos colocados como o único e último elo possível com a vida (...). Mas, nossa tarefa não para aí, nosso encargo (do qual só podemos nos fazer cargo pelo desejo) não se restringe a escrever a história do outro para remetê-la a seu destinatário. Ao inscrevê-las em nossa escuta, a escrita que se efetua se faz em nossos corpos (...) seguindo pelos meandros de descobrir conjuntamente, a partir

desses encontros, quais são os interlocutores reais e imaginários de quem nos procura a partir do congelamento de suas vidas e histórias".¹⁸

Em defesa de uma certa ingenuidade: lugares de passagem

"A psicanálise trabalha com palavras, libido e corpo, não há neutralidade, porisso ela ainda é a peste, ela implica perigos."

Radmila Zygouris

A imagem da "estação", como ponto de chegada e de partida, ou da "imensa rodoviária, lugar de cruzamentos"¹⁹, se impõe quase imediatamente para quem está posicionado neste lugar de recepção e escuta a pacientes na clínica institucional, lugar que ao mesmo tempo é de trânsito e parada: passagem. Se é verdade que toda instituição tem seus rituais de entrada e saída, é verdade também que nem sempre favorecem elaborações.

Trânsito e parada: passagem. Dar passagem escutando quem chega favorecendo que vozes e rostos, remanejados pelo encontro, possam se dirigir a outros interlocutores, multiplicando seus canais de relação e experiência. "Deixar-se ultrapassar": na transferência - como analista, como "triador", como instituição, incluindo o *fora* na escuta para não tomar por psíquico o que é de outra ordem e também para favorecer saídas, criação de pontes para o mundo: passagens. Do sintoma para a fala, de um ato a uma palavra, de um traço a uma representação, de uma representação a outra. De casa para a bicicleta, da bicicleta para a auto-escola, da auto-escola para o Sedes, de um terapeuta a outro, do Sedes para...?

No momento em que "serviços" e consultórios testemunham uma aparente diversificação das demandas, de que modo a de Francisco está articulada às injunções características da nossa época? Amor e trabalho são

campos cuja realização se faz particularmente problemática hoje, sendo porém apontados por Freud, quase um século atrás, como “resultado” da cura analítica (pela liberação da libido aprisionada no sintoma), estando portanto contidos em qualquer demanda. Mas a forma singular em que cada demanda se organiza remete tanto a um funcionamento subjetivo particular quanto à presentificação do mal estar na cultura - naquilo em que ele é datado e localizado historicamente - nas conformações sintomatológicas.

Tomando apenas um recorte, a Clínica do Sedes, tradicionalmente freqüentada por mulheres, vem reconhecendo na chegada dos homens

pelo desempenho sexual propriamente dito, como nas classes burguesas.²⁰ Mas bastou que estas últimas perdessem um asseguroamento social que até aqui parecia dado para que se evidenciassem novas relações entre potência sexual - capacidade de trabalho - identidade masculina, como o cinema mostrou recentemente no filme *Ou Tudo ou Nada ...*²¹

Ao mesmo tempo, como salienta Angela Santa Cruz, “a marginalização do mercado de trabalho é efeito de uma complexa trama de vetores sociais, históricos, econômicos, psíquicos”, mas o sujeito tende a experimentá-la “como uma inadequação que é só dele (...) num tempo em que o desamparo civil e o

culturalmente forjada que vem se impondo de modo imperativo, como único devir reconhecido, constituindo-se numa espécie de “protótipo são” a ser alcançado, marcando presença freqüente nos discursos - “neuróticos” ou não. Na ausência de espaços de encontro num mundo em que apenas as injunções de mercado ordena as relações, Francisco se dirige aos locais designados e consagrados ao consumo, os shoppings centers - onde, porém, não é mercadoria que se compre. Ao mesmo tempo, recusa a vaga oferecida pelo CAPS, “lugar de loucos, de gente doente”, que não vislumbra como passagem de acesso à vida “normal” - imaginária - na qual desejaria se incluir e instalar.

Sujeitos como Francisco, na sua “ingenuidade” dizem o que já não podemos falar? Freud trabalhou a categoria do *ingênuo* tomando-o como intermediário entre o chiste e o cômico, estando a diferença entre o ingênuo e o chiste não no tipo de conteúdo nem na forma, mas no fato de seu autor ter ou não conhecimento do que está falando. O protótipo da ingenuidade estaria na atitude da criança, que desconhece o alcance (sexual) daquilo que diz - formulação que o mesmo Freud questionará em seguida, lembrando que a “inocência” infantil é um mito do adulto e perguntando-se se a criança não exerceria assim uma “liberdade” de dizer que este já perdeu. Liberdade “para além dos muros psíquicos habituais, muros da linguagem”, diria Radmila Zigouris, necessários, fundamentais, mas que limitam o acesso aos processos primários - justamente o que é preciso alcançar na clínica.

Do mesmo modo o filme de Walter Salles foi, por muitos, considerado excessivamente ingênuo - desde a opção pela narrativa linear, em forma de novela até as “saídas” que aponta, entendidas como apêgo nostálgico a resquícios de um mundo já extinto. Talvez. Nas palavras do diretor, “...este é um Brasil dife-

Francisco encontra sua vida em suspenso tanto por sua constituição psíquica singular como pela ausência de dispositivos societários que possam se constituir ou possibilitar para ele, um lugar possível.

e de uma classe média escolarizada e empobrecida, uma verdadeira tendência estatística. Surpreende o modo como a queixa principal aparece freqüentemente ligada ao desemprego, ainda que esta venha desencadear ou mesmo encobrir uma problemática de identidade - sexual ou narcísica, conforme as subjetividades em jogo. Jurandir Freire, em 1989, a partir da experiência com grupos em instituições públicas, afirmava que nas classes trabalhadoras a identidade masculina era representada muito mais pela força de trabalho que

sofrimento privatizado são ingredientes comuns aos inúmeros pedidos que, numa maquinação micropolítica, se fazem individuais”.²²

Francisco encontra sua vida em suspenso²³ tanto por sua constituição psíquica singular como pela ausência de dispositivos societários que possam se constituir ou possibilitar, para ele, um lugar possível. Chega ao Sedes e vai “direto ao assunto”, pedindo lugares... para arrumar namorada e emprego. Sonha, entretanto, como dirá mais tarde, ser “um executivo normal de terno”, imagem

rente, onde a fraternidade, a compaixão possam coexistir, talvez, com uma certa inocência" (*Making Off* do filme, no Canal Brasil, set/98).

Para Tales Ab' Sáber trata-se de arriscar uma resposta, ciente de suas proporções, à pergunta sobre como poder falar, em tempos cínicos de uma globalização generalizante calçada na propaganda, deste espaço simbólico que é o Brasil.²⁴ O filme se inscreveria assim "numa tradição talvez ainda mais importante que a das obras primas, a dos bons filmes médios e simples sobre nossa experiência, que sem desvio ideológico souberam concebê-la de forma a torná-la acessível a todos".

Sobre a estrutura básica e aparentemente simples do melodrama estruturado em dois tempos (a estação e a viagem) se destaca uma ampla matéria de formas, tempos, ditos, rostos e corpos de uma experiência popular que no mesmo movimento "causa estranheza e desperta respeito".

Na impossibilidade de uma medida comum de direitos e acesso a riqueza, o reconhecimento do outro de classe vai se dar pelo vértice *estético*, revelando atividades e aspectos simbólicos ausentes da cultura mercadorizada das metrópoles, num tempo e espaço deslocados do projeto fracassado da modernidade - representado pela decadência da estação central de trem. Tomar a estação pela cidade glamurosa faz emergir com eficiência a violência e os efeitos de devastação do atual estágio do capitalismo: o espaço público deteriorado, tomado por massas de pessoas a um tempo incluídas e excluídas de uma civilização onde já não resta vestígio de solidariedade, caracteriza o tipo de sociabilidade que rege toda uma época.

Deste contexto mais amplo o filme vai se fixar nos seus efeitos sobre as subjetividades - esgarçadas e desfeitas - , seguindo os personagens centrais no movimento da viagem. Posta pelo acaso de um encontro, descobre um contexto outro, inacessível

à vida coisificada da grande metrópole, possibilitando a emergência de "sensorialidades esquecidas em suas dimensões épicas - a paisagem e sagradas - o encontro com a densa tradição religiosa popular, que no filme não configura alienação, mas experiência simbólica - aqui simultâneas à redescoberta e à recuperação de aspectos do humano que podem voltar a constituir relações". Este retor-

sécuro pode ser recriado."

Há aqui um olhar que se deixa siderar por imagens e encontros inusitados, iluminando rostos e ditos que ultrapassam o *script*: passantes se postam diante da câmera e resolvem ditar sua mensagem. A câmera registra. Brechas para ensaios de fala, lugares de passagem, quem sabe, para um futuro a ser construído a partir desta rica matéria, mantida bruta na

Freud trabalhou a categoria do ingênuo como intermediário entre o chiste e o cômico; ressalta que a diferença não está no tipo de conteúdo nem na forma, mas no fato de o autor ter ou não conhecimento do que fala.

no sobre o país não se refere, assim, "a um centro redentor, fonte de identidade e origem, mas ao próprio tempo e espaço do percurso, interno e externo, a um processo simultâneo em que as subjetividades e alguma imagem não reificada do país se constituem."

Desse modo, a jornada humanista e de retorno sobre a terra do segundo movimento, antes de excluir a textura própria de nosso tempo, ao contrário, parte da consciência aguda do choque sem mediações com sua época: "A viagem de volta é a resposta a todo um movimento histórico, (...) que indicou o êxodo rural e utópico da modernização nacional. (...) Diante desse fracasso recupera esta profunda tradição moderna invertendo-lhe o sinal: é no retorno sobre a terra e a experiência popular que algo de essencial, perdido definitivamente no processo de desenvolvimento acelerado do

medida mesmo em que vem recusada por parte dos canais de expressão e valorização dos meios dominantes. Um Brasil cuja estética passa por rostos castigados mas ainda ligados a algo de sua origem, por inscrições insólitas nas paredes de bares de beira de estrada, pelas fachadas coloridas de cidades perdidas no meio do nada, pela procissão e instalações da Casa dos Milagres, que insistem encenando rituais coletivos, em busca de passagens: modos singulares e contemporâneos de uma classe social simbolizar sua experiência.

Instituições, como outras produções de uma época, atualizam o jogo de forças sociais em conflito, reproduzindo, em certa medida, o funcionamento do mundo que as possibilita; mas comportam também, a partir de seu lugar estratégico - socialmente sancionado, um potencial criativo, crítico, transformador. Isso freqüentemente se evidencia incisi-

vamente nesse “lugar de passagem”, que é a “porta de entrada” de uma clínica institucional. Numa instituição é complexo o “jogo de espelhos”: o olhar que pode oferecer a seus pacientes é tributário não só de sua organização, nem, tampouco, das

tos dessas abstrações se fazem sentir, por exemplo, no ceticismo quanto a validade terapêutica da psicanálise - o que não se poderia atribuir exclusivamente nem à ofensiva psiquiátrica em voga nem às promessas de satisfação garantida e rápida das

A história do movimento psicanalítico parece orientar-se, hoje, para uma revisão daquilo por onde a própria psicanálise se domesticou.

capacitações técnicas de cada um, ou, ainda, do cruzamento de olhares de reconhecimento entre seus agentes - é preciso ademais refletir acerca do lugar social ocupado pela psicanálise nesses tempos de incerteza.

A história do movimento psicanalítico parece orientar-se, hoje, para uma revisão daquilo por onde a própria psicanálise possa ter se domesticado em excesso, perdendo-se numa sorte de assepsia embalada em várias versões: seja na busca por formulações exatas, seja num intrapsíquico que não considera as dimensões histórico-sociais do sujeito; trata-se de um psiquismo incorpóreo, desencarnado tanto das intensidades pulsionais como do mundo social que também o constitui. Por outro lado, um olhar excessivamente “sociológico” poderia obscurecer justamente o que a psicanálise contém de radical em sua especificidade. Hoje os efei-

‘curas’ místico-religiosas. É numa co-determinação de mão dupla que precisaríamos pensar as relações sociedade - instituição psicanalítica.

NOTAS

1. Sobre a reestruturação da Clínica, trata-se da implantação do chamado “Projeto Clínico-Ético-Político”, que se encontra na Biblioteca do Sedes sob o título “Uma Clínica Psicológica para este final de século” (1996). O início da implementação do Projeto data de fins de 1997, referindo-se o presente trabalho ao ano de 1998. V. também “Por que a Clínica do Sedes mudou?” de M.L Calderoni, Boletim do Departamento de Psicanálise de 02/98.
2. A primeira parte do presente trabalho foi apresentada, originalmente, em reunião geral da Clínica, que reúne profissionais de diferentes linhas teóricas, a 5/8/98. Optei por manter quase na íntegra o texto cujo eixo tinha por objetivo fundamental disparar uma discussão sobre o serviço e suas contradições-modificando-o somente naquilo que poderia tornar-se incompreensível para os que não estão familiarizados com as particularidades de sua organização. O que se segue são reflexões desenvolvidas *a posteriori*.
3. Desde 1995 as primeiras escutas se dão preferencialmente em grupos de recepção; as

- exceções têm seguido um critério de ‘gravidade’ que não deixa de ser problematizado.
4. Marisa Hatsue Shimizu, estagiária da Equipe Clínica 4, coordenada por Claudia Monti Schomberger e Lilliane Kijner.
 5. CAPS: Centro de Atenção Psico-Social, equipamento público que desenvolve um trabalho original e reconhecido junto a pacientes graves.
 6. M. L. Penot, “O Espanto do Outro Materno”, in *Coleção Boletim Pulsional*, São Paulo, Livraria Pulsional.
 7. M. L. Penot, op. cit., p. 11.
 8. S. Freud “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905), *Edição Standard das Obras Completas, volume VIII*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, p.25.
 9. S. Freud, op. cit., p.207, e 21, respectivamente. A segunda citação foi tomada por Freud de Lipps (1898).
 10. S. Freud, op. cit., p. 167, 21 e 168, respectivamente.
 11. S. Freud, op.cit, p. 23. A primeira citação é de Fischer (1889), conforme tomada por Freud.
 12. S. Freud, op. cit, p. 172.
 13. M. L. Penot, op. cit. : J. Lacan apoiou o conceito de Grande Outro justamente sobre a *dritten Person*, no seminário “As Formações do Inconsciente”.
 14. S. Freud, op.cit. Esta transmissão em cadeia de um ‘achado’ que se transfere de pessoa a pessoa, reproduzindo em outro lugar os efeitos da elaboração de um chiste levou Freud a valorizá-lo como “processo social” - o que apontaria para um campo de indagação acerca de um valor ‘socializante’ implicado neste tipo de comunicação. V. cap. V “Os motivos dos chistes: os chistes como processo social”.
 15. Entendemos estes ‘pequenos *a*’ como traços, parcialidades desse Grande Outro, a partir dos quais irá investir o *infans* - estando os ‘petits *a*’ ligados a ‘restos’ das primeiras experiências de satisfação, cuja tentativa de reencontro e revivescência irá mover todos os investimentos posteriores do sujeito.
 16. “Central do Brasil: vicissitudes da subjetivação”, Ciclo de Debates do Curso Psicopatologia Psicanalítica na Clínica Contemporânea do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, maio de 1998, Instituto Sedes Sapientiae. Anotações livres a partir da conferência.
 17. Curiosamente, Freud tenta uma abordagem para o enigma da mímica no mesmo artigo sobre o chiste esboçando a idéia de uma “mímica ideacional” que não se reduz à expressão dos afetos, manifestando também ‘conteúdos ideacionais’. Num tempo em que a psicanálise parece recuperar o ‘irrepresentável’ (pela palavra) não deixa de surpreender encontrar no velho Freud (o de 1905, época dos *Três Ensaios*) estas notas sobre ‘formas miméticas de representação’ que diferencia das representações de palavra. Conf. S. Freud, op. cit., p. 220.
 18. M. A. Santa Cruz: “Grupo de escuta e Análise da demanda: a Central do Brasil também é aqui”, texto apresentado em reunião geral da Clínica em 5/8/98, p. 2-3.
 19. L. Cartocci, Boletim do Departamento de Psicanálise, 1996. Ver também “O ato clínico de recepção e triagem”, de M. L. Calderoni, *Percurso* n. 20, São Paulo, 1998.
 20. J. F. Costa, *Psicanálise e Contexto Cultural*, Rio de Janeiro, Ed. Campus Ltda, 1989, p. 26-29.
 21. 1997, Dir. Peter Cattaneo.
 22. M. A. Santa Cruz, op. cit., p. 2.
 23. Bernard Penot cunhou a expressão ‘sujeitos em suspenso’ para designar sujeitos que se encontram num ‘aquém’ da fantasia, constantemente ‘agidos’ pelo retorno daquilo que permanece recusado (*Verleugnung*) no discurso familiar que o constitui. V., p. ex., cap. 6 de *Figuras da Recusa - Aquém do Negativo*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1992
 24. T. Ab’Sáber “Contato estético e interesse humano”, *Novos Estudos* CEBRAP n. 51, São Paulo, julho/98, p. 227-231. Todo o desenvolvimento que se segue acompanha as formulações do autor.